

# LUTA COMUM CONTRA RACISMO E EXPLORAÇÃO DEU SENTIDO À NOSSA UNIDADE

21/12/81

— Samora Machel dirigindo-se a Robert Mugabe

Inserimos nesta página o discurso pronunciado pelo Presidente da FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique no decurso do banquete oferecido ao Presidente da ZANU - FP e Chefe do Governo do Zimbabwe.

Sua Excelência Primeiro-Ministro da República do Zimbabwe  
Camarada Robert Mugabe

Senhores Ministros e distintos membros da delegação

Senhoras e Senhores,

Seja bem-vindo, camarada Robert Mugabe, à República Popular de Moçambique.

Bem-vindo de novo ao solo do Povo Moçambicano que o recebe como a um filho.

Bem-vindo a esta terra que o acolheu e que de si recebeu o exemplo do zimbabueano patriota, determinado, incansável perante as dificuldades, fiel servidor do seu Povo.

Bem-vindo a esta terra que vê em si o portador dos princípios mais humanos gerados pela guerra justa do Povo do Zimbabwe, que vê em si o herói vivo do Povo irmão do Zimbabwe.

Bem-vindo à terra onde milhares de homens e mulheres do Zimbabwe vertem o seu sangue generoso para que o Zimbabwe se tornasse independente e Moçambique ficasse mais livre.

Bem-vindos senhores membros da delegação da República do Zimbabwe que hoje nos visitam como cidadãos livres de uma pátria livre, que hoje acolhem os representantes legítimos de um Povo heróico, de um Povo respeitado, de um Povo irmão.

Por detrás do longo e carinhoso aceno popular que hoje o recebeu, e à sua delegação, havia homens e mulheres, jovens e velhos moçambicanos que têm vivo e fresco o passado recente. Nos seus olhos brilha ainda a memória dos anos em que Moçambique serviu de retaguarda aos combatentes da liberdade do Zimbabwe, como zona libertada em Tete durante a nossa Luta Armada, e, mais tarde, como nação soberana e independente.

Nos combates lado a lado dos soldados moçambicanos e guerrilheiros zimbabueanos em Moçambique e no Zimbabwe, nos longos dias de marcha que camponeses nossos e do Zimbabwe faziam desde a fronteira até aos campos de refugiados, nas mãos carinhosas de médicos e enfermeiros moçambicanos e zimbabueanos que vêm em cada combatente tratado mais um passo para a liberdade, nos longos meses de análise conjunta e de estudo sobre a vossa luta, ganharam actualidade os laços seculares que ligavam os nossos Povos.

Do sangue vertido nas trincheiras que conjuntamente abrimos e conjuntamente ocupámos, retirámos o ser que alimentou as artérias da nossa solidariedade.

Em Mapai, em Chikwacwala, em Nysazonia e Tembwe, em Mavonde e Chokwê, em QueQue, Bellingwe ou Fort Victoria, esculpimos conjuntamente as novas fronteiras entre a libertação e a opressão na África Austral.

Nas canções que conjuntamente criámos e cantámos, alargámos o nosso espírito de combatividade, enalteçamos a nossa coragem e os nossos heróis, valorizámos a nossa luta, ridicularizámos o inimigo, isolámos o inimigo. Com as nossas canções e danças, através das nossas esculturas, poemas e pinturas, elevámos ao estatuto de arte a ciência de destruir o inimigo.

Camarada Primeiro-Ministro,

De Salisbury vinha ontem o regime minoritário rodesiano massacrar, chacinar o nosso Povo. Hoje vem Mugabe, símbolo da liberdade do Povo do Zimbabwe, símbolo da Irreversibilidade da luta pela independência.

Ontem vinham os aviões que semeavam o terror e a destruição, deixando os nossos campos transformados em cinzas de fome pelo Napalm. Hoje vem Mugabe, símbolo da paz entre os dois Povos.

Ontem vinham os tanques comandados por mentes debilitadas pelo racismo. Hoje vem Mugabe, símbolo da igualdade entre os homens de todas as cores.

Ontem vinha a barbárie. Hoje vem a amizade.

No salto imenso que esta diferença traduz, o factor principal foi o Povo do Zimbabwe, a sua determinação em pegar em armas para libertar a Pátria.

Foi a vontade do Povo zimbabueano em deixar de ser escravo na sua própria terra que transformou homens e mulheres zimbabueanos em combatentes. Foi essa vontade que transformou a revolta dos corações em capacidade organizativa. Foi essa vontade que serviu sempre de alavanca para prosseguir a luta ainda com mais ardor, quando alguns se passaram para o lado do inimigo em troca das migalhas do banquete racista. Foi essa vontade que inspirou outros Povos a darem o seu apoio.

A visita do Camarada Robert Mugabe à República Popular de Moçambique consagra a certeza que sempre nos animou: de que, por maior que fosse, nenhum sacrifício seria em vão. Os sacrifícios compartilhados, a luta comum contra o racismo e a exploração, deram sentido à nossa unidade. Se ontem éramos vizinhos, a guerra transformou-nos em camaradas. A guerra que lado a lado travámos demonstrou, mais uma vez, que na dia lética da História a própria opressão fertiliza as forças da liberdade.

Camarada Primeiro-Ministro,

Acolhemos a sua delegação no momento em que iniciámos o grande desafio da década da vitória sobre o subdesenvolvimento. A organização da

sociedade socialista em Moçambique, o estabelecimento de uma base económica que começa a reflectir os interesses do Povo moçambicano, a transformação radical da superestrutura, a definição da estratégia e tática correctas para a nova batalha que se nos depara, são uma realidade já na República Popular de Moçambique.

Mas o desenvolvimento do nosso processo revolucionário verifica-se em condições extremamente difíceis.

No plano mundial, o imperialismo aumenta a sua agressividade, intensificando a corrida aos armamentos. O objectivo é alimentar a divisão, fomentar guerras localizadas e intimidar os Povos que lutam pela sua emancipação nacional e social.

Na Europa, que o imperialismo procura transformar em arsenal nuclear, os Povos têm manifestado de forma inequívoca o seu repúdio ao belicismo.

Na América Latina, na Ásia, no Médio Oriente, em África, o imperialismo procura multiplicar os conflitos militares que são mercados para venda das suas armas.

Em todo o mundo a consciência dos Povos desenvolve-se. A oposição à política criminoso e belicista do imperialismo aumenta.

Os povos querem a Paz, querem o Progresso.

Por isso saudamos as conversações entre a União Soviética e os Estados Unidos da América. Por isso saudamos a visita do Chanceler Helmut Schmidt à RDA e as conversações que os dirigentes dos dois países mantiveram.

Na nossa região, o imperialismo tenta aumentar a sua presença militar no Oceano Índico, nomeadamente em Diego Garcia, e lançar uma campanha para legitimar organizações fanticas.

O imperialismo já definiu explicitamente o regime nazifascista e minoritário do **apartheid** como seu aliado de confiança. O apoio aberto que dá aos fanticos produzidos pelos racistas sul-africanos, a ingerência desproporcionada nos assuntos internos dos nossos países, constituem um encorajamento para que Pretória intensifique a sua estratégia de agressão na zona.

O regime racista continua a ocupar ilegalmente a Namíbia, enquanto faz quebrar todas as tentativas de solução negociada para a independência deste território.

Não obstante isto, será a SWAPO e não o **apartheid** que trará a independência e a paz à Namíbia. A República Popular de Moçambique, como País da Linha da Frente, está disposta a apoiar todas as iniciativas sérias destinadas a garantir a aplicação da Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Não apolaremos manobras destinadas a encontrar novas fórmulas para salvar o **apartheid**. Não apolaremos qualquer acção que ponha em causa as justas aspirações do Povo namibio. Tais manobras estão condenadas ao fracasso, pois o Povo oprimido da Namíbia, dirigido pela SWAPO, já tomou o passo decisivo para a independência: a Luta Armada de Libertação Nacional.

A ocupação ilegal da Namíbia faz parte integrante da estratégia do **apartheid**. É a partir da Namíbia que o exército colonial sul-africano lança ataques contra a nossa região, em particular contra a República Popular de Angola. Ao ocupar partes do território angolano a República da África do Sul está a ocupar uma parcela da África Independente, está a atentar contra a dignidade de cada africano.

É também a partir da Namíbia que o regime do **apartheid** lança acções com vista a desestabilizar a Zâmbia.

No Lesotho, Swazilândia e Botswana o regime racista organiza raptos e assassinatos, organiza grupos armados para subverter a lei e a ordem nesses países.

Estamos conscientes, camarada Primeiro-Ministro, que também em relação ao seu País, a África do Sul está extremamente activa.

O atentado contra a Sede da ZANU - PF é uma faceta do mesmo plano terrorista que os leva a reactivar as redes criminosas que deixaram, a treinar e a armar traidores que serviam o regime ilegal rodesiano. A perspectiva, mais uma vez, é a de criar um destacamento operacional mercenário com vista a minar, através do crime e do terror, o poder do Governo que o Povo Zimbabueano escolheu.

No nosso País, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) acabam de desferir um importante golpe nos grupos de bandidos criados e dirigidos pela África do Sul. Os documentos capturados numa das suas bases voltaram a confirmar que os bandidos armados que sabotam a nossa economia e assassinam as populações, não passam de um destacamento operacional do exército sul-africano. «Bo na realidade o grupo avançado da estratégia agressiva do estado-maior de Pretória.

Ao organizar a agressão às Seychelles, o regime do **apartheid** mais uma vez se revelou como a principal fonte de terrorismo e subversão na nossa zona. Mais uma vez o Ocidente escondeu, sob a capa do silêncio, a sua cumplicidade no terrorismo.

O imperialismo e os seus agentes desprezam os Povos, desprezam a sua qualidade de fazedores da História.

Ao atacar-nos, no passado, o regime nazifascista e ilegal da Rodésia do Sul contribuiu para a unidade que hoje nos liga.

Ao atacar-nos, no presente, o regime nazifascista do **apartheid** está a contribuir para a unidade inquebrantável que já liga o Povo sul-africano aos Povos da região.

tagem e manipulação política. Esta situação é o resultado de décadas de colonização que fizeram da África do Sul o centro económico da região.

O nosso combate contra esta situação assenta no reforço do nosso instrumento colectivo de emancipação económica: a SADCC. Reforçar a SADCC é uma questão fundamental para cada um de nós. Só juntando os nossos recursos, as nossas capacidades e os nossos esforços poderemos quebrar o projecto de exploração concebido pelo imperialismo, a tentativa de bantustanização económica da África Austral.

A África do Sul compreendeu bem a importância da SADCC. Os planos de sabotagem regional concentrados no sistema de transportes e comunicações, que nós concebemos como prioridade da SADCC, são disso prova.

É esta realidade que nós devemos encarar.

Em Lusaka afirmámos que a SADCC não era uma organização contra a África do Sul. Mas hoje temos de nos organizar para defendermos da agressão sul-africana o nosso projecto de cooperação e desenvolvimento regional.

O alicerce da SADCC é o desenvolvimento das nossas relações bilaterais.

O nosso passado de luta comum é a garantia mais sólida de que entre Moçambique e o Zimbabwe se pode edificar uma relação económica exemplar baseada na complementaridade dos nossos esforços.

Demos já importantes passos na cooperação bilateral nos transportes, comércio, agricultura e indústria. Mas é longo ainda o caminho que nos falta percorrer até conseguirmos erguer, na

cooperação bilateral e no âmbito da SADCC, a alternativa justa para a ordem económica que hoje nos mantém vulneráveis à política agressiva do subimperialismo sul-africano.

Camarada Primeiro-Ministro,

A dureza do caminho que falta percorrer para a erradicação definitiva do colonialismo e do racismo do nosso continente exige que saibamos preservar a unidade. A unidade foi o farol da libertação dos nossos Povos. A unidade é a condição fundamental da nossa libertação económica, da libertação total e completa do nosso continente.

É duro também o caminho a percorrer para a erradicação das sequelas do colonialismo.

É grande o peso da herança colonial. O analfabetismo, a doença, a falta de habitação, a fome, a miséria, o obscurantismo, a ignorância, a mentalidade fatalista que atrofia a nossa capacidade criadora, são o resultado do colonialismo.

A herança colonial não se mede pelos níveis de vida mais alto do colono, mas sim pelos níveis de vida mais baixos do colonizado.

Para vencermos esta batalha é necessário definir correctamente o inimigo, definir correctamente os princípios que nos guiam.

Para nós a resposta é clara. Só rejeitando a exploração do homem pelo homem podemos sair da miséria. Só através da construção de uma sociedade socialista podemos vencer o subdesenvolvimento.

A sua presença em Moçambique,

camarada Mugabe, como chefe do primeiro governo do Zimbabwe livre e independente, é um momento histórico na consolidação da unidade inquebrantável que os nossos Povos selaram com o seu próprio sangue.

A sua presença em Moçambique, camarada Mugabe, faz-nos recordar com emoção a nossa visita o ano passado ao Zimbabwe.

No Zimbabwe, em todos os locais que visitámos, sentimos o calor humano do Povo Zimbabueano, sentimos o carinho que o Povo do Zimbabwe tem pelo nosso Povo. Vimos que, em poucos meses, o Governo que o camarada Mugabe chefia, tinha conseguido implantar a tranquilidade onde antes havia o conflito. Vimos também que o primeiro Governo da República do Zimbabwe tinha sido capaz de mobilizar a grande maioria dos cidadãos para as tarefas da reconstrução nacional, para a construção de uma sociedade próspera e anti-racista.

Vivemos hoje, do Rovuma ao Maputo, um dia de grande emoção. Mugabe está em Moçambique. Mugabe está de novo em nossa casa.

Festejamos este dia de alegria. Por isso convidamos a juntarem-se a mim num brinde à nossa unidade, à nossa amizade e solidariedade entre os nossos Povos e os nossos Estados, à libertação total e completa do nosso continente, à Paz e à prosperidade.

A saúde do Presidente Canaan Banana.

A saúde do camarada Robert Mugabe e da camarada Sally Mugabe.

A saúde de todos os presentes.

A LUTA CONTINUA!